



*Dossiê: Cultura popular,  
ensino de História e  
linguagens audiovisuais*



# Cotidiano (re) inventado: sociabilidades e relações de vizinhança no entorno do rio São Marcos em Goiás

*Anderson Aparecido Gonçalves de Oliveira*<sup>1</sup>  
*Cairo Mohamad Ibrahim Katrib*<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho apresenta o resultado de uma pesquisa que analisa as experiências dos sujeitos das áreas rurais afetadas pela UHE Serra do Facão, especificamente nas comunidades: Lagoinha (Fazenda Pires), Mata Preta e Anta Gorda no município de Catalão-GO, e ainda dentro deste recorte espacial a Comunidade Lemes em Davinópolis-GO, as quais localizam-se no Sudeste Goiano. O Foco de nossa análise são as práticas e saberes rurais, perpassando pela religiosidade desses atores, como expressão de seus modos de vida que fazem emergir as relações de cooperação, vínculos identitários, além de suas variadas formas de sociabilidades, as quais são marcas culturais bastante significativas.

**Palavras-chave:** Vivências. Identidade. Práticas culturais.

**Abstract:** The work presents the result of an inquiry that analyses the experiences of the subjects of the rural areas affected by the UHE Serra do Facão of the Carving knife, specifically in the communities: Lagoinha (Farm Go mad), Black Forest and Fat Dolmen in the local authority of Catalão-GO, and still inside this space cutting out the Community Rudders in Davinópolis-GO, which locate in the South-east From Goiás. The Focus of our analysis they are the practices and you know rural, passing by the religiosity of these actors, like expression of his ways of life that make surface the relations of cooperation, bonds identitários, besides his varied forms of sociabilidades, what are cultural marks quite significant.

**Keywords:** Experiences. Identity. Cultural practices.

---

<sup>1</sup> Graduado em História- FACIP/UFU; discente do curso de pós-graduação em História- UFU (mestrado em História)

<sup>2</sup> Docente do curso de graduação em História-FACIP/UFU

“Era assim que vivia ali naquele pé de serra, onde o mundo principia. Aquilo tudo ali era nada. Mas foi ali na beira daquela aguada que ele fez sua morada, construiu sua família, fez casa boa de telha, paredes com tijolos de barro, esteio de aroeira e até o piso era assoalho de madeira, onde já dançou muito catireiro bão. Fez a cerca de arame que separa os pastos, casinha de queijo, paiol, curral, chiqueiro, barracão, até o carro-de-boi, as cangas, canziros, cambão, tudo daquilo ali ele fez e na mão. Mas, naquele tempo era bão, a fazenda vivia cheia. Tinha muito agregado que tocava roça na meia e muita gente pra ajudar e também pra prosiar. Tinha um rego d’água que ele trazia sempre limpinho, onde o menino mais velho gostava de brincar. Era ali que ele punha o seu barquinho para navegar. Soltava ele lá na cabeceira da grotta e vinha acompanhando ele rego abaixo até chegar lá no rancho do monjolo, onde tem a bica do pau de buriti. Era ali que o barquinho do menino vinha cair. De todas benfeitorias que tinha feito, do monjolo era o que ele mais gostava, pois os dois se pareciam. Eles tinham a mesma mania. Trabalhavam sem parar. Ele desde antes do amanhecer até depois que escurecia, e o monjolo para parar carecia de alguém lhe segurar, e se deixasse por conta dele, ihhh, trabalhava dia e noite sem parar, pilando arroz, café, ou triturando milho pra fazer canjica ou fubá. A água que caía da bica no seu coxo pesava e ele subia. Depois jogava a água fora e descia com toda força no pilão, com aquela mesma cantiga que a gente nunca cansava de escutar e sempre ali naquele compasso de breve, bem devagar, sem pausa, sem errar. Sua mulher, eta mulher trabalhadeira e era também muito bonita,

gostava de receber visita e eu mesmo ia muito lá. Apreciava aquele frango com quiabo que ela fazia no fogão de lenha e quando afogava o frango ia me perguntando sobre a vida na capital, que eu fazia para viver e até queria saber quando eu ia voltá, coisa que até hoje ainda não sei responder. Vou deixando essa vida me levar. Ela pegava aquele jacá cheinho de algodão, catava aquilo tudo, descarocava, cardava, depois fiava umas meadas bonitas que ela tingia com semente de urucum, passava raiz de sumaré. Como era inteligente aquela mulher. Levava aqueles romanos para o tear e tecia. Os cortes de calça que ele usava, coberta, baixeiro, colchonil e tudo mais, e sempre ali jogando a passadeira de um lado pra outro e alternado os pés nos pedais. Cidade, ah, só ia de vez em quando pra visitar algum parente e quando faltava alguma coisinha que precisava comprar. Mas ia e voltava no mesmo dia e ele sempre dizia que aquilo não era lugar para morar. Era lugar para doutor, gente que nem o senhor que precisava estudar. Eh, e esse tempo bão passou e hoje tudo mudou. Veja só como é que tá. O resto vamos deixar ele cantar.” (Carta ao Velho Rosa – Trem das Gerais – epígrafe retirada da dissertação de Venâncio, 2008. p. 108)

A labuta de quem vive no campo se refaz a cada instante com muito suor e desejos de dias melhores. O cotidiano<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Sobre o conceito de cotidiano ver, dentre outros: BERGER, Peter & LUCKMAN, John. *A construção social da realidade*. 7 ed.; Petrópolis: Vozes, (Antropologia), 1987. CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. \_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*, 1. Artes de fazer, tradução de Epharain Ferreira Alves Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. \_\_\_\_\_. “A operação histórica” In: LE GOFF, Jaques,

é reinventado, fruto da interação social entre os indivíduos, e a ele são atribuídos diversos sentidos, pois se constitui das muitas apropriações e maneiras de (re) invenção. Nesse processo, valores, fazeres, intencionalidades, vontades e interesses são ferramentas para (re) criar vínculos sociais com o cotidiano e com a própria vida, esteja ela inserida num contexto particular ou coletivo.

No caso das comunidades rurais, tais modificações são mais visíveis uma vez que os diversos atores sociais assumem com o lugar uma relação de cumplicidade explícita, que se materializa na efetivação das muitas manifestações e práticas culturais adotadas como marcas de suas vidas. É a partir das vivências nesses espaços que a relação com a terra também se ressignifica; que os laços de vizinhança se estreitam; que as ajudas mútuas e todas as relações sociais se entrelaçam, reatando os sentidos do viver em comunidade.

Entendemos essa relação de trocas quando, em virtude de nossas andanças pela região, nos deparamos com práticas culturais coletivas que unem as pessoas em torno de trabalhos, festas, rezas e outras formas de interação mantidas pelo grupo.

---

NORA, Pierre. *História: novos problemas*, 3 ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988. HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*, 2 ed., São Paulo: Paz e Terra (Filosofia), 1985. LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre. *História: novas abordagens*, 3 ed.; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. \_\_\_\_\_ . *História: novos problemas*, 3 ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

As comunidades rurais do município de Catalão, no sudeste goiano, se reúnem com frequência, reinventando as relações de vizinhança tradicionais. Os moradores do campo fazem as surpresas da “treição”<sup>4</sup> ou do mutirão<sup>5</sup> aos vizinhos ou conhecidos. Essa forma de ajuda vem sempre quando um vizinho ou morador da comunidade ou adjacências se encontra num “momento de aperto”. Todos se reúnem para auxiliá-lo na lida com animais; na roçagem do pasto; na manutenção de cercas e currais; na colheita; e, após todo um dia de muito trabalho, comemoram coletivamente a ocasião com muita dança, diversão, jantar farto e rezas de agradecimento. Ali, fica nítido que as *artes do agir*<sup>6</sup> tomam forma e concretizam as relações de amizade entre o grupo.

O vivido enquanto marca cultural dos moradores desses municípios se entrelaça às suas histórias de vida. A arte de partilhar essas narrativas é o terreno comum que une essas famílias e constitui-

<sup>4</sup> A *treição* (ou *traição*) compreende o trabalho e a ajuda mútua. Quando uma das pessoas da comunidade está com o serviço atrasado ou demasiado, várias pessoas se reúnem para ajudá-la na empreitada. Entretanto, o dono do lugar onde ocorrerá a *treição* não sabe o que vai acontecer e é pego de surpresa, com foguetes e cantorias antes do raiar do dia. E geralmente, após todo o serviço pesado, passam para o “pagode”, um divertimento para quem trabalhou o dia todo. A pessoa que recebeu a *treição* oferece sempre um farto almoço e muitos “comes e bebes” à noite, embalados por muita música e arrasta-pé.

<sup>5</sup> O *mutirão* se refere à ajuda mútua entre vizinhos ou membros da comunidade, só que, ao contrário da *treição*, trata-se de algo já acordado com o dono da propriedade ou a convite do próprio.

<sup>6</sup> CERTEAU *A invenção do cotidiano*, 1. *Artes de fazer*, tradução de Epharain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

-se no nosso ponto de partida para a elaboração de uma interpretação de como esses sujeitos vivenciam as práticas culturais presentes na região, recriando e redefinindo as relações de vizinhança, além de indagar, se estas, ao serem efetivadas, contribuem para manutenção identitária do grupo.

Nessa via de mão única, muitas vielas se abrem, ajudando na formatação de novos arranjos culturais, de novas marcas das experiências compartilhadas pelos diferentes sujeitos com seus grupos sociais e na definição de sociabilidades. Esse processo é fruto das relações estabelecidas pelos sujeitos sociais, relações essas inseridas dentro de um conjunto de laços mais ou menos sólidos e exclusivos de cada grupo social.

Percebe-se, aqui, que as identidades das comunidades rurais afetadas pela UHE Serra do Facão, em Goiás, são identidades culturais múltiplas, reelaboradas no fazer cotidiano, que se originam de alguma parte e possuem histórias, mas que sofrem constantes transformações, assim como tudo que é histórico<sup>7</sup>. E seguindo essa lógica, percebemos que os significados das várias transformações que ocorrem durante várias décadas nos referidos locais pesquisados, estiveram e estão inseridas em um movimento contínuo, uma espécie de circularidade social e cultural que restabelece padrões e for-

mas de viver o social, tendo em vista que a:

[...] Identidade cultural não possui “uma origem fixa à qual podemos fazer um retorno final e absoluto. [...] Tem suas histórias – e as histórias, por sua vez, têm seus efeitos reais, materiais e simbólicos. O passado continua a nos falar. [...] As identidades culturais são pontos de identificação, os pontos ins-táveis de identificação ou sutura, feitos no interior dos discursos da cultura e da história. Não uma essência, mas um posicionamento<sup>8</sup>.

As muitas formas de reinterpretar o social perpassam as interações mantidas entre os diferentes indivíduos no grupo social. Nas comunidades rurais estudadas, as sociabilidades emergem vinculadas ao peso do dia-a-dia, através das ajudas mútuas nos mutirões, nas demãos ou nas festas comunitárias tão frequentes na região, que constituem espaços de encontros e reencontros para reavivar as memórias a fim de estreitar os vínculos de pertença familiares e com o lugar.

O sentimento de pertencimento<sup>9</sup> ao lugar exprime o estabelecimento de formas de viver e de interagir com os saberes e fazeres coletivos, tidos como marca

<sup>7</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p.68.

<sup>8</sup> HALL, S., 2005, p. 70.

<sup>9</sup> O conceito de pertencimento cabe aqui como um sentimento de se fazer parte daquele local ou região, principalmente para as pessoas pesquisadas, que, em sua maioria, ali nasceram, criaram seus filhos e hoje criam seus netos. Baseamo-nos nas colocações de Stuart Hall sobre a identidade cultural na pós-modernidade. Ver: HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

cultural do grupo. Para os moradores das comunidades rurais pesquisadas, a vida no campo e as possibilidades de experimentar as relações de vizinhança e as ajudas mútuas representam viver intensamente as relações de amizade, de respeito ao lugar e a manutenção dos vínculos com a terra.

Nesse contexto, o lugar, enquanto sinônimo de território, “compõe-se de forma indissociável a relação dos grupos sociais, no sentido de que as relações sociais são espaciais ou geograficamente mediadas”<sup>10</sup>. Acrescento aqui que o lugar é histórico, marca cultural da ação/ interação dos atores sociais nesse/com esse espaço, que é também referência da própria vida para aqueles que estabelecem uma relação de intimidade com a comunidade.

Para a maioria dos pesquisados, a perda desses vínculos sociais é o que mais temORIZA o grupo. O medo de perder o contato com os vizinhos e amigos que lhes acompanharam por toda uma vida não é o sentimento apenas dos moradores atingidos pela barragem, mas perpassa todos aqueles que vivem na região e que, por mais distantes que estejam, sentem a falta dos vizinhos e se vêem ameaçados pelas incertezas do futuro.

São pessoas que, entre um trabalho

e outro, pausam sua labuta para trocar aquele “dedinho de prosa”; que sempre que o amigo está necessitando, seja de apoio financeiro ou mesmo de ajuda com o trabalho, estão ali, prontos para auxiliá-lo no que for preciso. Sentir-se ameaçado por uma desestruturação cultural, social ou até mesmo econômica é sentir-se também frágil, desamparado, pois as relações de vizinhança e os elos com o lugar de vivência podem ser diluídos e não restabelecidos quando do deslocamento para outros espaços. Firmar-se novamente, reatar os nós com os antigos vizinhos ou fortalecer os vínculos com os novos é uma tarefa árdua para muitos desses sujeitos, que têm na terra a seiva que alimenta suas próprias vidas. As falas dos moradores exprimem essa relação de proximidade entre eles; evidenciam o medo da perda dessas relações, de sua fragmentação espacial e afetiva, pois sabem que elas são significativas para a manutenção dos vínculos de vizinhança e das pertencas do grupo.

Entre uma entrevista e outra, percebemos os ressentimentos, a dor da partida, as inquietações dos moradores em ter que deixar a região, em ver submergir os vínculos de vizinhança, ficando sempre a dúvida de como reinventar essas relações frente aos novos vizinhos. É por isso que rogam pelas amizades construídas, pelo apego ao lugar, pela possibilidade de contar com seus vizinhos na hora das dificuldades:

<sup>10</sup> VENÂNCIO, Marcelo. *Território de Esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Catalão (GO)*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia. Uberlândia-MG, 2008, p. 109.

[...] Graças a Deus eu tenho amizade com todo mundo aqui, né? Aqui se precisam de mim, eu tô aqui pronto pra ajudar se eu tô aqui, às vezes alguma outra pessoa[pausa], qualquer pessoa da região, sempre que precisar de mim, eu tô aqui pronto pra ajudar[...] E quando eu preciso deles eu também vô[...] vô lá procuro eles, né?[...] Daqui uns dez anos, né? Cinco anos que eu sair daqui, né? Que a gente vai deixar aqui é muita amizade, né?... meu compadre aí, minha comadre, mais meus vizinhos aí [...] O coração da gente vai doer, né? Se vocês tiverem algum passado num lugar assim igual eu tenho aqui, só vivi aqui, né? Depois cê vê tudo acabar, será que cê num vai ter um sentimento um dia?<sup>11</sup>

Esses sujeitos expressam um apego muito forte com a região por meio da interação com esta, como é o caso do senhor José da Luz Pires. Ele é uma dessas pessoas que fincou raízes na comunidade Pires, em Catalão, constituindo família e lutando pelo sustento dela, vendendo sua força de trabalho aos fazendeiros do município.

Na conversa que tivemos com ele, antes mesmo das terras onde residia serem parcialmente inundadas, ele deixou transparecer a tristeza de ir embora, justamente pelo apego ao lugar. Ele nos relatou que dificilmente retornará à região, pois prefere guardar na memória as lembranças boas dali, construídas pelas relações de trabalho ou amizade,

<sup>11</sup> PIRES, José da Luz. ENTREVISTADO. Trabalhador rural, casado, residente na Fazenda Pires / Catalão – GO. Entrevista realizada dia 18 fevereiro/2009.

ao invés de ver tudo lavado pelas águas do São Marcos. Ele externa suas inquietações dizendo:

[...] Ah! É ruim, né? Vê onde a gente mora, sua casa, onde a gente trabalhou,[...] porque pra gente foi a vida da gente, né? [...] eu não volto aqui muito fácil não. Eu gosto muito de pescar, mais acho que o lugar aqui não vai servir pra eu “pescá” não [...] É [pausa] ficar lembrando que morei aqui [aponta para local]; trabalhei ali; toquei uma roça ali; plantei uma melancia ali, né? Não é ruim, isso aí? Hoje não posso plantar nada aqui [...]<sup>12</sup>.

Percebemos na fala do senhor José da Luz, que o fortalecimento dos vínculos de amizade e de trabalho é uma possibilidade viva de reconstrução do apego à comunidade. Muitas práticas culturais, como as festas, servem de mola propulsora da intensificação dos laços identitários dos indivíduos com o lugar, e acabam se tornando partes essenciais da relação deles com suas comunidades.

Romper com os laços comunitários é tarefa difícil, mesmo nas circunstâncias ocorridas na região, devido à chegada das águas. O que pesa nesse processo é a ebulição dos sentimentos, sejam eles de perda, de incertezas ou inquietudes em relação às mudanças vivenciadas. Quando os sujeitos reforçam a importância da manutenção dos vínculos sociais com a vizinhança e com o lugar, eles referendam a necessidade do restabelecimento

<sup>12</sup> PIRES, José da Luz. Entrevista realizada no dia 18 de fevereiro de 2009.



dos seus próprios vínculos identitários, tanto pelo exercício contínuo da ajuda mútua, quanto pelas possibilidades de congraçamentos coletivos durante a realização de uma reunião do grupo para a reza do terço, uma novena ou uma comemoração.

O viver coletivo está sempre presente na vida dos atores sociais, pois eles bem sabem e deixam claro ao dizer “uma mão lava a outra e muitas mãos fazem a diferença”, que existe um referencial de troca e comunhão entre seus pares. Exemplificações desse congraçamento não faltam, tais como a “treição” e o “mutirão”, pois entre uma labuta e outra essas pessoas que se unem, tanto nos momentos de dificuldades quanto nos de fé, não deixam de tê-los como espaços de extravasamento da labuta diária. As comunidades rurais são os lugares, por excelência, da manutenção e reinvenção das tradições culturais regionais<sup>13</sup>.

## **As comunidades rurais no sudeste goiano**

Na região sudeste de Goiás, as comunidades rurais estão presentes na composição geográfica e cultural dos municípios. Esses lugares não são apenas espaços produtivos, eles trazem na sua composição a cultura, os saberes e fazeres dos moradores da região, além de referendar a trajetória de vida das famílias, que se confunde com a do lugar e vice-versa.

Com as reviravoltas econômicas das últimas décadas, as pequenas propriedades rurais, para se manterem, enfrentaram uma série de transformações de múltiplas ordens. A manutenção das relações de pertencimento com o lugar foi o alicerce que permitiu, dentro desse processo, a sustentação dos laços de vizinhança, das ajudas compartilhadas, da pequena propriedade rural e a fixação do homem no campo frente à modernização da agricultura<sup>14</sup>.

Nessa lógica, percebemos que o Centro-Oeste brasileiro, em especial o Estado de Goiás, possui uma economia agrária muito forte. Tal economia se de-

<sup>13</sup> Giddens e Hobsbawn, pautados nas transformações sociais fruto da modernidade, destacam que a reinvenção das tradições possibilita o entendimento de uma nova lógica de relações que nos permite compreender a realidade. Apoiamos nossa reflexão nesse discurso por compreender que as práticas culturais se encontram em movimento e se recriam para continuarem existindo e para dar sentido às relações sociais dos diferentes grupos ou comunidades. Para compreender melhor o conceito, consultar: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. 3 ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

<sup>14</sup> O termo modernização é utilizado por alguns estudiosos para designar as transformações capitalistas na base técnica da produção agrícola, que passou a utilizar insumos fabricados industrialmente. Portanto, para o autor, o termo modernização se aplica ao referido processo, especificamente durante o período pós-guerra, quando começam as importações de tratores e fertilizantes num esforço por aumentar a produtividade. O período que marca realmente a transformação no meio rural brasileiro é a década de 1970, quando o Estado começa a atuar de forma incisiva no sentido de impulsionar o surto modernizador.

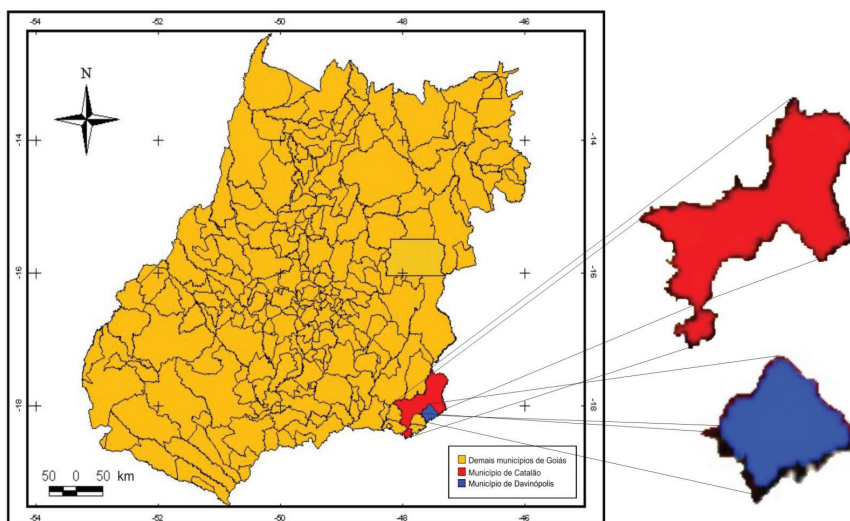
envolve, principalmente, a partir da década de 60, com o advento de uma série de programas e projetos voltados para a modernização da área rural do país. Entretanto, essas políticas não beneficiaram a todos, e eram voltadas principalmente para a população mais privilegiada, ou seja, os grandes latifundiários. As economias familiares sofreram uma grande transformação, pois, ou se adaptavam àquela nova realidade, ou eram obrigadas a se deslocarem para a cidade por não conseguirem competir com os grandes fazendeiros e suas gigantescas produções.

Aqueles que insistiram em permanecer em suas terras mantêm acesa a chama dos saberes herdados, das relações de vizinhança, da ajuda mútua, do somar esforços com a comunidade em prol da melhoria do grupo. O ajudar é sinônimo de energia vital que finca os sujeitos no lugar e os permite, ao mesmo tempo, experimentar o progresso, sem perder de vista a sua relação cultural com a comunidade. É claro que não são todos que comungam dessa assertiva, mas grande parte dos que permanecem no campo e estão ali desde sua infância restabelecem os vínculos de solidariedade, de partilha com outras famílias, buscando a recondução de um sentido para a vida no campo, que tem se perdido com a saída de um grande número de moradores das zonas rurais para as cidades.

A permanência no lugar se deve ao apego a terra, geralmente herança de família. E muitos conseguiram ampliar seu pedaço de chão com muito esforço

e trabalho, pois todo o lucro acumulado durante décadas com a criação de gado, a plantação de hortaliças ou outras atividades, foi aplicado na compra de terra na comunidade, fincando ainda mais essas famílias à região.

Refletir sobre as transformações deste universo é o que objetivamos, levando em consideração esse contexto histórico, focando nossas análises na lógica da manutenção dos vínculos culturais com o lugar e as possíveis reinvenções de práticas, manifestações características da região, sem esquecermos das transformações do espaço e da vida dos pequenos produtores rurais das comunidades Lagoinha (Fazenda Pires), Mata Preta, Anta Gorda e Lemes. Essas comunidades pertencem aos municípios de Catalão e Davinópolis, ambas no Estado de Goiás, e compõem o recorte espacial desta pesquisa, conforme visualizado no mapa abaixo.



Catalão “é um grande mosaico”<sup>15</sup>. Este município foi rota da passagem de Bandeirantes e teve sua ocupação no período em que a mineração entra em decadência no Brasil e a ampliação e desenvolvimento da pecuária se tornam necessários, principalmente, para a economia da região. E não demorou muito para que a pecuária de Catalão se destacasse. A base de sua economia, além da mineração, da agropecuária e da prestação de serviços tem na agricultura familiar um grande potencial, uma vez que grande parte da produção de alimentos da região advém das pequenas propriedades rurais. Essa atividade foi, desde o

processo de ocupação espacial do município, a que propiciou o crescimento do lugar e sua efetivação oficial enquanto município pertencente ao Estado de Goiás.

Catalão, para os memorialistas da cidade, foi se constituindo pelo seu potencial agrícola, uma vez que durante as Expedições de exploração que percorriam Minas Gerais e Goiás, o município funcionava como marco de entrada no sertão goiano e nele muitos grupos fixavam acampamento de apoio para as comitivas, que se direcionavam a Goiás em busca de ouro e diamantes.

Catalão por volta de 1833 a 1859 foi elevada a categoria de cidade, sem deixar de lado o constante progresso da pecuária, o qual contribuiu e muito tanto para o crescimento populacional quanto econômico da cidade. Foi principalmente com a chegada da ferrovia que este crescimento se intensificou, pois, a partir

<sup>15</sup> KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Um mosaico chamado Catalão: histórias escritas, vividas e recriadas. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org). *São Marcos do sertão goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 29-40.

de então, as pessoas das proximidades, de outros estados e até mesmo de outros países (em especial os sírio-libaneses) se deslocavam para Catalão em busca do progresso e da estabilidade econômica prometida pela pecuária da região. Assim, as pessoas começam a se alocar em torno da Matriz da cidade, consolidando este verdadeiro “mosaico”.

Nos anos de 1930, Catalão vê seu crescimento populacional e econômico com o “freio de mão” puxado, e um dos fatores que pode explicar isso é a chegada dos trilhos em outras cidades do Estado de Goiás, como Anápolis, por exemplo. Apesar desse fator não declarar uma estagnação da cidade, o fato é que sua economia passa a ser basicamente agrária, contando com pequenas indústrias de transformação de produtos rurais. Ou seja, o rural acaba sustentando o urbano neste momento.

Com a política de integração nacional do governo de Juscelino Kubitschek, Catalão volta respirar mais aliviada e entra numa nova etapa de desenvolvimento, agora impulsionada pela passagem da rodovia BR 050, que liga o município aos principais centros urbanos do Sudeste e Centro-Oeste. E, juntamente com a rodovia, chega a Catalão as primeiras indústrias de exploração de minérios, como fosfato e nióbio, fazendo com que, em conjunto com outros fatores, a economia e o desenvolvimento populacional da cidade voltasse a crescer a “passos largos”. Hoje, Catalão conta com um contingente de aproximadamente 85 mil pessoas no centro urbano, número que não para de

crescer, assim como sua economia, que se consolida cada vez mais.

Em comparação com o município de Catalão, a cidade de Davinópolis, também no Estado de Goiás, é relativamente nova. Seu surgimento se dá por volta de 1948, após o então prefeito de Catalão, João Netto Campos, liberar a construção de um grupo escolar, o qual caracterizou a região, pois aquele lugarejo, que era distrito de Catalão, passou a ser conhecido como: “região do Grupo”. Por volta de 1963, Davinópolis se desvincula de Catalão, e sua emancipação política se dá por volta de 1964.

Segundo a memória e as falas locais, o nome Davinópolis advém de uma das famílias tradicionais da região, a “Família David”, que, ao que tudo indica, efetuou a doação do terreno para a construção do Grupo. Há quem diga que as terras em que o Grupo foi construído não pertenciam de fato a esta família, mas o que pode ser afirmado é que, no momento da emancipação do município, houve uma votação na cidade referente ao nome da mesma, e ficou decidido que a “Família David” seria homenageada por ser do entendimento da maioria que as terras nas quais a cidade surge eram de propriedade da tal família.

As discussões quanto ao nome da cidade alimentam uma polêmica em relação a real doação ou não pelos David da terra onde foi construído o Grupo, intensificando ainda mais a disputa política existente até hoje entre a “Família David” e a “Família Gomes”. O que não pode ser contestado é o fato de que este

lugarejo surge em volta do Grupo escolar, e, explanado um pouco sobre a rivalidade entre as famílias David e Gomes envolvendo o local em que a cidade surge, vejamos outros aspectos importantes de tal município.

Davinópolis resumia-se a um pequeno povoado de difícil acesso, principalmente por ser uma área ilhada, margeada por inúmeros córregos e riachos, além de se encontrar entre dois grandes rios: o São Marcos (que delimita a fronteira entre municípios); e o Paranaíba (que representa o limite entre os Estados de Goiás e Minas Gerais). É por volta dos anos de 1950 que se instala uma estreita ponte em cima do rio São Marcos, ligando Davinópolis ao até então distrito de Catalão.

Essa região é marcada por terrenos irregulares, declives acentuados, e, até antes da construção da ponte, pelo difícil acesso; e pode ser esse um dos motivos de uma modernização mais lenta em relação a outros municípios do estado. Entretanto, a produção leiteira é o diferencial das propriedades rurais do município.

Juntando essas informações é fácil entender o porquê da persistência de uma economia familiar na região, além do que, não muito distante em sua história, antes de se emancipar, Davinópolis era marcado pelas várias comunidades em que os moradores se organizavam: Boqueirão de Cima; Boqueirão de Baixo; Comunidade do Varão; Comunidade Lemes; São João da Cruz de Cima; e São

João da Cruz de Baixo. Essas são umas das comunidades mais importantes da região de Davinópolis.

Essas comunidades exprimem memória, fé, e fazem parte ativa da vida das pessoas, como por exemplo, a Comunidade Lemes, que possui uma das igrejas, ou capela, mais antiga dessa região em especial. A Comunidade Lemes recebe este nome por se formar dentro da propriedade da “Família Lemes”, no entorno do município de Davinópolis.

E, como na maioria das comunidades se constrói uma pequena igreja para atender aos anseios dos moradores, tanto desta, quanto de outras comunidades ao seu redor, na comunidade Lemes não foi diferente.

Não havia um padre permanente na cidade, e em conjunto com a dificuldade de acesso, o mesmo visitava a região principalmente nos períodos festivos devocionais, no caso da região Lemes, em louvor a São Sebastião. E, como Dona “Izaldinha”, como é carinhosamente conhecida, diz durante sua fala, esta comunidade, a igreja e as comemorações festivo-devocionais fazem parte da memória e da vida dos habitantes dessa região.

[...] Padre? De vez em quando e em época de festa, porque principalmente na fazenda Lemes que é a Igreja mais antiga. [...] Porque essa Igreja foi construída depois que a gente já morava aqui, que ela foi construída [refere-se neste momento à Igreja da cidade]. Então, sempre vinha padre lá nessa Fazenda Lemes, onde tem a Igreja até hoje, onde eu fui

até batizada. [...] É, uma das mais perto da cidade. [...]»<sup>16</sup>.

Nesse universo descritivo em que inserimos as comunidades dos dois municípios estudados, percebemos que um aspecto merece destaque. O parentesco<sup>17</sup>, compreendido como categoria que estabelece vínculos entre os sujeitos, é muito perceptível nas comunidades rurais dos municípios de Catalão e Davinópolis, principalmente quando se constrói uma ligação entre as pessoas a partir dos seus nomes e sobrenomes. Isso mostra que muitos moradores que fincaram suas raízes no lugar têm uma relação de intimidade com ele, justamente porque estar ali, naquele lugar, escolhendo-o como morada, referenda também a manutenção de seus vínculos identitários com a sua história e sua ancestralidade.

Quanto aos casamentos, esses se deram entre primos, vizinhos e se estenderam para além da comunidade, pois a cada casamento realizado uma nova família se fixava no lugar e dava prosseguimento à lida no campo, a fim de promover a manutenção de mais uma família. Assim, são primos, filhos e netos que compõem a população dessas comunidades ou expandem seus laços de parentesco nas cidades circunvizinhas, entre as

comunidades. Esses moradores, na sua simplicidade e exercendo sua sabedoria, nutrem de vida e esperanças esses lugares. Suas vidas, por mais rústicas que sejam, exprimem também a atualização e o contato com o progresso.

As comunidades Lagoinha, Mata Preta e Anta Gorda, todas situadas na área rural do município de Catalão, Estado de Goiás, em suas características, não diferem muito da Comunidade Lemes, em Davinópolis. A Comunidade Lagoinha recebe este nome por ter sido constituída próxima a uma pequena lagoa, que, por sua vez, situa-se na região da Fazenda Pires, a qual possui algumas hipóteses para ser nomeada assim. A primeira delas se dá pelo fato da região possuir um formato de um pires, ou seja, da região estar inserida numa área de depressão geológica em que as fazendas e chácaras se formaram, sobretudo no interior dessa área de declive. A segunda hipótese diz respeito à proximidade com o distrito de Pires Belo, pertencente ao município de Catalão-GO, e, por fim, mas não menos importante, este nome pode ter derivado também da “Família Pires”, pois durante nossas pesquisas percebemos a grande quantidade de pessoas da região com sobrenome “Pires”.

Até os anos de 1990, essa comunidade possuía uma pequena capela, que também funcionava como grupo escolar, e, posteriormente, havia sido construída uma quadra de esportes e lazer para a comunidade. Mas não é à toa que o início deste parágrafo encontra-se no pretérito, pois essas benfeitorias feitas na e para a

<sup>16</sup> GOMES, Felizarda Bernardes – Dona Izaldinha. ENTREVISTADA. Proprietária rural, Davinópolis-GO. Entrevista realizada dia 27 fevereiro/2009.

<sup>17</sup> Sobre o conceito de parentesco numa perspectiva antropológica consultar: DURHAN, Eunice R. *Família e reprodução humana*. In: *Perspectivas antropológicas da mulher*. Nº 3, Rio de Janeiro: Zarár, 1978.

Comunidade da Lagoinha foram sumariamente destruídas. Entretanto, mesmo colocando abaixo os tijolos e o cimento, a memória e a coesão do grupo e da comunidade se mantiveram de pé, até porque

nem sempre é necessário uma edificação predial para se demonstrar a união, a ajuda mútua, as relações entre os sujeitos e a fé dessas pessoas.



FIGURA 2: Antigo espaço onde a Comunidade Lagoinha desenvolvia suas atividades. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.



FIGURA 03: Ruínas da antiga capela na Comunidade Lagoinha, Região da Fazenda Pires, Catalão-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.



FIGURA 04: Antiga quadra esportiva, a qual era utilizada durante o período festivo, em conjunto com uma cobertura de lona ou palha, como abrigo na Comunidade Lagoinha, Região da Fazenda Pires, Catalão-GO. Acervo do Programa de Preservação do Patrimônio Histórico Cultural UFU/SEFAC.

A Comunidade da Mata Preta, também em Catalão-GO, fica a cerca de 20 km do centro urbano da cidade, e também merece destaque neste momento, pois é uma região que possui uma atividade agrícola familiar forte no município.

Nessa lógica de transformação, a Comunidade de Anta Gorda foi a mais afetada pela UHE Serra do Facão, justamente por localizar-se na área de maior depressão geológica e muito próxima do rio represado. Cerca de 90% (noventa por cento) da região foi afetada pelas águas e a maioria da população, a primeira a se mudar para outras comunidades rurais ou transferir residência para a cidade. A comunidade Anta Gorda em Catalão-GO, possuía uma das maiores festas em louvor a São Sebastião da região, da qual

todos os moradores participavam efeticamente<sup>18</sup>.

<sup>18</sup> As comemorações em louvor a São Sebastião, na região da Anta Gorda, iniciam-se após a senhora Albina, uma antiga moradora da comunidade, doar um pequeno pedaço de terra a São Sebastião para que, dessa forma, protegesse sua família dos temores da guerra (pela fala de outros moradores, detectamos que essa guerra diz respeito à Segunda Guerra Mundial). Enfrentava-se um período muito difícil a nível mundial e, sobretudo os mais católicos estreitaram os laços com São Sebastião por ser ele o protetor dos moradores do campo, dos animais, responsável também pela proteção contra pestes e outros males. Diante de tanta devoção, o santo foi eleito o padroeiro da comunidade Anta Gorda. Segundo os depoimentos dos moradores da região, o primeiro local em que as pessoas se reuniam para as rezas, logo após a doação do terreno, era um “ranchão de palha e buriti”. É então que, sentindo a necessidade de uma melhor estrutura, o senhor João Ferreira da Silva constrói uma pequena igreja, mas que fica de pé por pouco tempo, pois é derrubada durante uma tempestade. Então, por volta do ano de 1968, se “levanta” o barracão da comunidade, onde as pessoas se reúnem para as missas, em cuja lateral



As comunidades rurais no sudeste goiano são formadas, em sua maioria, por moradores que nasceram, cresceram e continuam vivendo na região; pessoas que conhecem muito bem o lugar e que, pela intimidade com ele, passam a ser conhecidos não pelo seu sobrenome, mas pelo nome da região em que vivem. Se a vida no campo é árdua, os encontros coletivos, as celebrações religiosas, a possibilidade da ajuda mútua, podem ser formas de interação social significativas para esses moradores. Contudo, em ocasiões especiais, suspendem a rotina, constroem sentidos e pertencas que unem os moradores em torno das festividades. Durante as festas, eles participam ativamente das rezas, bailes, leilões; e, ao frequentar esses espaços, reforçam com a comunidade os laços de amizade, de solidariedade e de compromisso com o sagrado<sup>19</sup>, uma vez que estar ali representa o exercício da união, o revigorar das pertencas identitárias.

O conceito de comunidade, assim como o de cultura, é muito amplo e algumas vezes pode acabar nos confundindo. Mas, o primeiro sempre exprime um sen-

timento de identidade ou identificação entre determinadas pessoas e regiões. Stuart Hall ainda afirma que “[...] Este modelo é uma idealização dos relacionamentos pessoais dos povoados compostos por uma mesma classe, significando grupos homogêneos que possuem fortes laços internos de união e fronteiras bem estabelecidas que os separam do mundo exterior<sup>20</sup>.

Geralmente, os moradores rurais acabam se unindo não apenas a partir de laços consanguíneos, como também de amizade e compadrio, principalmente pelos estilos de vida semelhantes. Pois, para os grupos rurais, neste caso, o sentido da palavra comunidade expressa reunião de indivíduos em uma organização social, cuja coletividade evidencia as práticas de ajuda mútua, como ocorre no “mutirão” e na “treição”, sendo que tal parceria não se restringe apenas às questões do cotidiano rural, podendo manifestar-se nos casos de doenças, dificuldades financeiras, bem como na devoção e na religiosidade.

Essas relações existentes no universo rural da região pesquisada se tornam ainda mais importantes no âmbito cultural, pois é a partir delas que se mantêm as tradições e práticas culturais, repassando-as de gerações em gerações, para que se (re) afirmem enquanto sociedade. Nesse sentido:

---

era anexada uma lona, durante o período festivo, para que dessa maneira pudesse acomodar todos os moradores da comunidade e de outros lugares da região.

<sup>19</sup> São variadas as definições de sagrado. O termo é entendido como as muitas formas de expressão da religiosidade dos grupos sociais. “A palavra Sagrado constitui uma das dimensões fundamentais da vida religiosa e designa uma área ou conjunto de realidades (seres, lugares, coisas ou momentos) que de certa forma estão separados do mundo profano comum, manifestando um poder superior e podendo ser abordados apenas ritualmente”. Consultar: <http://www.knoow.net/ciencsocioishuman/filosofia/sagrado.htm>

---

<sup>20</sup> HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005, p. 70.

[...] Ao viver em comunidade ou sociedade, os saberes e culturas que impermeiam essas relações são repassadas às gerações seguintes mantendo de certa maneira a reprodução da vida em sociedade garantindo assim o sentido de viver em comunidade. Sentidos os quais são culturais e são compartilhados entre famílias e vizinhanças. [...]²¹.

Compartilhar em comunidade significa viver coletivamente os importantes momentos e comemorações pessoais. É por isso que as práticas festivas constituem o laço que interliga os moradores às suas comunidades; que estreita as relações entre as famílias e interrompe as labutas diárias e o “corre-corre” da vida cotidiana.

No cotidiano rural, as pessoas estreitam sua conexão com o lugar e incorporam à sua identidade as peculiaridades da região em que vivem, ou da profissão que exercem ou, até mesmo das funções festivas que desempenham. Um exemplo disso está nos apelidos dos moradores. O José passa a ser o “Zé leiteiro”, que durante a realização das festividades assume o codinome de “Zé leiloeiro” ou “Zé festeiro”, ou seja, naqueles momentos festivos, os sujeitos se tornam importantes para a comunidade e se inserem numa espécie de momento de promoção social e de visibilidade local.

Percebemos que nos momentos festivos, as pessoas rompem com seu cotidiano de trabalho e celebram a boa colheita, pedindo que a mesma seja me-

lhor no próximo ano, além de rogar pela proteção divina pessoal e de seus familiares. No entanto, não podemos esquecer de que as festas fazem parte da vida dos sujeitos rurais, e, porque não dizer, que são uma forma de lazer, descontração, momento de reencontrar pessoas queridas e colocar a conversa em dia.

Devido ao fato de a maioria das famílias se sustentar por meio de uma economia de subsistência, também conhecida como economia familiar, a vida em comunidade ganha ainda mais destaque, uma vez que tudo que é produzido na propriedade represente o sustento dessa maioria de pessoas simples. Assim sendo, o pouco que lhes sobra, vira moeda de troca para adquirir aquilo que não são capazes ou não possuem recursos para produzir. Com isso, algumas das festas tradicionais da zona rural sofrem um grande abalo pela diminuição de participantes, pois, além da dificuldade de acesso, os golpes econômicos levam os mais afetados a se instalarem em outras comunidades, onde tentam (re) criar um novo sentido de pertencimento e coesão de grupo.

#### **Fontes Oraís:**

José da Luz Pires – Fazenda Pires / Catalão – GO. 18 fevereiro/2009.

Felizarda Bernardes Gomes – Dona Izaldinha / Davinópolis-GO. 27 fevereiro/2009.

²¹ VENÂNCIO, M. 2008, p. 110.

## Fontes Digitais:

## Web sites pesquisados:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Goias\\_Municip\\_Catalao.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Goias_Municip_Catalao.svg)>  
Acesso em fevereiro / 2011.

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Goias\\_Municip\\_Davinopolis.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Goias_Municip_Davinopolis.svg)> Acesso em fevereiro / 2011.

## Referências bibliográficas

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira*: sentidos do festejar no país que “não é sério”. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo - FFFLC, São Paulo, 1998.

BERGER, Peter & LUCKMAN, John. *A construção social da realidade*. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CANDIDO (1982); BRANCALEONE, Cássio. *Comunidade, sociedade e sociabilidade*: revisitando Ferdinand Tönnies. Disponível em: <<http://www.iuperj.br/publicacoes/forum/csoares.pdf>> Acesso em: 17/11/2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. 6 ed., Petrópolis: Vozes, 2001.

\_\_\_\_\_. “A operação histórica” In: LE GOFF, Jaques, NORA, Pierre. *História: novos problemas*. 3 ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução de Epharain Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A cultura no plural*. São Paulo: Papyrus, 1995. p239

\_\_\_\_\_. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende. 1 ed. atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p.

\_\_\_\_\_. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. Identidade cultural e Diáspora. In: *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional*. n° 24, 1996. p.68-75

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. 2 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1985.

HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (org). *A invenção das tradições*. 3. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2002.

KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Um mosaico chamado Catalão: histórias escritas, vividas e recriadas. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org). *São Marcos do sertão goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 29-40.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*, 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_\_. *História: novos problemas*. 3. ed., Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1988.

MENDES, Estevane de Paula Pontes. *A produção rural familiar em Goiás: as comunidades rurais no município de Catalão (GO)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2005.

OLIVEIRA, Anderson Aparecido Gonçalves de; KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim. Comemorar/festar: sons, batiques, louvações e lembranças. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org). *São Marcos do sertão goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: EDUFU, 2010. 300 p.

TOSCANO, Iara; OLIVEIRA, Nairana Zanuto. Davinópolis: uma mesopotâmia no sudeste goiano. In: KATRIB, Cairo Mohamad Ibrahim; MACHADO, Maria Clara Tomaz; ABDALA, Mônica Chaves (org). *São Marcos do sertão goiano: cidades, memória e cultura*. Uberlândia: EDUFU, 2010. p. 51-60.

VENÂNCIO, Marcelo. *Território de esperança: tramas territoriais da agricultura familiar na comunidade rural São Domingos no município de Cata-*

*lão (GO)*. 178 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Geografia. Uberlândia-MG, 2008.